

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS
COMO GÊNERO TEXTUAL:
CARACTERÍSTICAS DE UM GÊNERO HÍBRIDO**

Kátia Regina Franco (UFES)

kathiag@positivo.com.br

Mônica Lopes Smiderle de Oliveira (UFES)

monicasmiderle@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Diante da multiplicidade de estudos sobre gêneros textual-discursivos, muitos autores desenvolveram trabalhos voltados para discussões conceituais em torno dessa questão. A importância de uma reflexão sobre tais conceitos não é de caráter puramente terminológico; antes, seu caráter evidencia o aspecto teórico-metodológico adotado para atender o intento desta pesquisa.

Este trabalho tem como função esclarecer alguns pontos sobre as histórias em quadrinhos (HQs), como se constituem para serem consideradas um gênero específico, com características próprias, que lhes permitem estabelecer-se como gênero textual.

**A POLÊMICA EM TORNO DOS CONCEITOS DE GÊNERO
DISCURSIVO, GÊNERO TEXTUAL E TIPO TEXTUAL**

Uma autora que se ocupou em analisar a evolução dos estudos envolvendo a questão de gênero, Roxane Rojo (2005), destaca que a mais importante constatação foi a de que esses trabalhos poderiam ser divididos em duas vertentes metateoricamente diferentes: teoria de gêneros do discurso ou discursivos e teoria de gêneros de texto ou textuais. Ambas as vertentes encontravam-se enraizadas em diferentes releituras da herança bakhtiniana.

Em sua pesquisa, Rojo pôde perceber que, embora os trabalhos adotassem vias metodológicas diversas para o tratamento do gênero, todos acabavam por fazer descrições de “gêneros”, de enunciados ou de textos pertencentes a algum gênero. Os dados levantados levaram-na a questionar se as designações gêneros do discurso (ou

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

discursivos) ou gêneros textuais (ou de texto) significam o mesmo objeto teórico, ou não. A pertinência da questão tornou necessário um olhar sobre a teoria de alguns autores que se ocuparam em conceituar os termos supracitados.

Bakhtin (2000) afirma que a língua, ao ser utilizada nas diversas esferas da atividade humana, elabora seus “tipos relativamente estáveis” de enunciados (orais ou escritos): os “gêneros discursivos”. Assim como as atividades humanas são inumeráveis, o é a diversidade dos gêneros. Estes incluem desde a curta réplica do diálogo cotidiano, a carta e os documentos oficiais até as várias formas de produção científica e as formas literárias.

Para o autor, em cada esfera da atividade há um repertório de gêneros do discurso, transformando-se e ampliando-se na medida em que a própria esfera se desenvolve. A noção de gêneros do discurso difere da noção de tipologias de gêneros, no sentido de Bakhtin, por não enfatizar as classificações, mas a função de cada gênero, o fato de que se modificam e se expandem. Embora os gêneros mais estabelecidos possam ser reconhecidos pela sua dimensão lingüístico-textual, Bakhtin atribui aos gêneros uma natureza social, discursiva e dialógica, e enxerga-os a partir de sua historicidade. Desse modo, pode-se afirmar que Bakhtin e o Círculo correlacionam os gêneros às esferas da atividade humana, às situações de interação dentro de determinada esfera social. Um gênero se constitui em uma dada situação social de interação; tem sua finalidade discursiva, sua própria concepção de autor e destinatário.

Segundo Rodrigues (2005), diante desses elementos que constituem um gênero, a situação social de interação dos gêneros pode ser articulada à noção de cronotopos. Cada gênero tem seu campo predominante de existência (seu cronotopos), onde é insubstituível, não suprimindo aqueles que já existem.

Para essa autora, a forma dialética da constituição dos gêneros pode explicar a concepção de gênero como um “tipo relativamente estável de enunciado”. Historicamente constituídos, os gêneros adquirem um efeito “normativo” sobre as interações verbais, “englobam forma histórica, são produtos culturais, modos sociais de dizer, mas são antes uma atividade social da linguagem, modos de significar o mundo”. (Rodrigues, 2005, p. 166).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Bakhtin (2000) apresenta ainda outros três componentes indissociáveis dos gêneros: o conteúdo *temático* determinado; a *composição*, heterogênea devido à grande diversidade da atividade humana; e o *estilo*, que diz respeito ao uso típico dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua.

Rojo (2005, p. 197) lembra que esses elementos essenciais são, muitas vezes, determinados “pelas relações sociais, institucionais e interpessoais” da parceria entre locutor e interlocutor, “vistas a partir do foco da apreciação valorativa do locutor”. A autora ressalta ainda que as relações entre os parceiros da enunciação são estruturadas e determinadas de acordo com os lugares sociais nas variadas instituições e situações sociais de produção dos discursos. Em cada uma das *esferas comunicativas* - esferas do cotidiano (familiar, íntima, comunitária, etc.) e as esferas dos sistemas ideológicos constituídos (da moral social, da ciência, da arte, da religião, da política, da imprensa, etc.) – os interlocutores podem ocupar diferentes lugares sociais, o que determinará as relações hierárquicas e interpessoais, os temas, as finalidades ou intenções comunicativas. Cada esfera acaba por cristalizar historicamente um conjunto de gêneros mais apropriados a esses lugares e relações. É a situação de interação, o tempo e lugar histórico-sociais irrepetíveis que garantem a cada texto e discurso sua singularidade.

Os gêneros estão sujeitos a alterações conforme as mudanças sociais. Nessa mesma linha, Marcuschi (2003, p. 30) define os gêneros como atividades sócio-discursivas (orais ou escritas) intimamente ligadas à vida social e, portanto, maleáveis e dinâmicos. São sensíveis às mudanças sociais que ocorrem devido às invenções tecnológicas e podem ser entendidos como “artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano”. (op. cit., 2003, p. 54).

Ainda de acordo com Marcuschi (2003, p. 22), é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto. Essa é uma postura adotada por autores que analisam a língua em seus aspectos discursivo e enunciativo, para quem a língua é entendida e estudada na sua função sócio-interativa. Sendo assim, os gêneros seriam definidos mais por seus aspectos funcionais do que por seus aspectos formais. Sem utilizar a terminologia *gêneros do discurso*, an-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

tes optando por *gêneros textuais*, o autor faz uma distinção entre os termos gênero textual e tipo textual.

Tipo textual é a expressão utilizada para designar uma espécie de seqüência teoricamente definida pela natureza lingüística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). São as categorias conhecidas como narração, argumentação, descrição, exposição e injunção (*op. cit.*, p. 22).

Gênero textual, por sua vez, conforme Marcuschi (2003), remete a todos os textos concretos de nossa vida prática e diária, com características sócio-comunicativas “definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica, não sendo prioritariamente vinculado a seus aspectos formais” (Marcuschi, 2003, p. 22). São incontáveis e entre eles estão: telefonema, carta pessoal, carta comercial, bilhete, reportagem jornalística, edital de concurso, piada, aulas virtuais, carta eletrônica, dentre outros. A partir da definição apresentada, pode-se deduzir que o texto é a materialização do gênero, que, por sua vez, é constituído por seqüências lingüísticas ou tipos de textos.

Para finalizar essa reflexão sobre o conceito de gênero do discurso, apresentaremos ainda a definição de Maingueneau (2005, p. 69) do gênero como um contrato, um ato de linguagem que cria expectativas. Para o autor, “dizer que o gênero de discurso é um **contrato** significa afirmar que ele é fundamentalmente cooperativo e regido por normas”. É exigida das partes envolvidas uma aceitação de regras mutuamente conhecidas, bem como das sanções previstas para uma possível transgressão.

Com isso o autor não defende os gêneros do discurso como moldes à disposição do produtor de texto. Antes, postula serem os gêneros discursivos atividades sociais submetidas a condições de êxito, de ordens diversas. Tais ordens estão relacionadas à finalidade pela qual se utiliza determinado gênero; aos papéis que devem assumir os parceiros da atividade verbal; ao lugar e ao momento legítimos, que implicam questões temporais – periodicidade, continuidade, validade -; ao suporte material no qual é veiculado; e à organização textual (Maingueneau, 2005, p. 67-68).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

A CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO QUADRINHOS

Feijó (1997) informa que houve um tempo em que o gênero HQs era desprezado ou até mesmo condenado. Para muitos professores e pais, os quadrinhos não estimulavam a leitura e empobreciam a cultura dos adolescentes. O autor afirma que o livro *A sedução dos inocentes* (Frederich, 1960) mostra que os quadrinhos emburreciam os leitores e transmitiam mensagens de violência, sexo e que as imagens em nada ajudavam no aprendizado das crianças e adolescentes. Porém, nos últimos tempos, os quadrinhos ganharam um novo *status*, recebendo um pouco mais de atenção das elites intelectuais e passando a ser aceitos como um elemento de destaque do sistema global de comunicação e como uma forma de manifestação artística com características próprias. Então, para mostrar como se constitui esse gênero, serão estudados quatro autores: Feijó (1997), Will Eisner (1999), Rama & Vergueiro (2004) e Cirne (1972).

Feijó descreve os quadrinhos como sendo um gênero típico da cultura de massa, porque existem como uma forma de produção cultural organizada sobre bases industriais para conseguir atingir uma grande quantidade de leitores. Essa cultura de massa surge como uma cultura de lazer, de entretenimento, que busca o lucro e que depende de certas tecnologias para existir e poder alcançar o seu público.

Já Will Eisner (1999), considerado a maior autoridade mundial em quadrinhos, define o gênero como uma forma de arte seqüencial, porque a história em quadrinhos é uma seqüência de acontecimentos ilustrados. É uma narrativa visual que pode ou não usar textos, em balões ou em legendas. Esse tipo de linguagem tem que ser familiar tanto para o leitor quanto para o criador, para que público receptor possa compreender e interpretar o que foi proposto pelo emissor da mensagem.

Para Rama & Vergueiro (2004), os quadrinhos são constituídos de um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: o visual e o verbal. Cada um desses códigos ocupa um papel especial, dentro das HQs, reforçando um ao outro e garantindo que a mensagem seja entendida (p. 31). Esses autores ainda esclarecem que alguns elementos da mensagem são passados exclusivamente pelo texto, outros têm na linguagem pictórica a sua

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

fonte de transmissão. A grande maioria das mensagens dos quadrinhos, no entanto, é percebida pelos leitores por intermédio da interação entre os dois códigos. A leitura dos quadrinhos desencadeia um processo duplo, a leitura de textos e de imagens.

Acreditando que a linguagem não-verbal é muito útil na compreensão não só das HQs, como também no mundo atual, em que a imagem faz parte de nossa comunicação, Fogaça (2002, p. 137) mostra que nossa percepção visual se caracteriza por um interesse ativo da mente frente a um objeto. E o incentivo visual em nada prejudica o desenvolvimento do intelecto, pelo contrário, é o meio de percepção mais espontâneo, que antecede a escrita.

Pelo que Cirne (1972) afirma, os quadrinhos são uma narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivos cortes, que agenciam imagens, ou seja, as histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos: o visual e o verbal. Para ele, as HQs só começaram a ganhar popularidade após o surgimento do Menino Amarelo, criado por Richard Outcault, em 1895. Antes dessa data, os quadrinhos não possuíam o que hoje é chamado de balão. As falas dos personagens eram colocadas ao redor do quadro, não havia nada que ligasse às falas a quem estava falando. Pode-se dizer que Richard Outcault deu início ao uso do balão, pois ao colocar as falas do menino amarelo dentro de seu camisolão, fazia com que o leitor entendesse que quem está falando é o personagem e não o narrador, dando, assim, uma maior dinamicidade aos quadrinhos, destacando à linguagem visual.

Essa linguagem visual é o elemento básico das histórias em quadrinhos. Ela se apresenta como uma seqüência de quadros que trazem uma mensagem ao leitor. Os quadros que compõem a história se assemelham às janelas que demonstram a realidade de forma fragmentada. O quadro é o principal recurso das HQs, podendo mudar de forma e dimensão por razões narrativas. Dimensões variadas de quadrinhos numa mesma página, mais compridos ou mais longos que o habitual, reduzem o ritmo da leitura e apresentam uma cena de forma detalhada. Quadros menores que o padrão aceleram a leitura em conseqüência da apresentação de detalhes ou ações rápidas. Já os quadros sem as linhas servem para valorizar uma cena.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Dentre as linguagens visuais que compõem o gênero quadinhos, serão descritos quatro: os balões, as onomatopéias, as metáforas visuais e as linhas de movimento. Os balões, além de organizar as falas e nos dizer quem as recita na cena, podem também reforçar dramaticamente a narrativa pelo seu próprio desenho. O balão representa uma densa fonte de informação, que começa a ser transmitida pelo formato de seu desenho: sabe-se quando o personagem está cochichando, falando alto, pensando, só pelo tracejado das linhas que formam os balões.

Feijó (1997) mostra alguns exemplos de balões: os de linhas tracejadas transmitem a idéia de que o personagem está falando em voz muito baixa; os que formam um balão simples com o rabicho indo diretamente na boca do personagem, indica o balão de fala com o tom de voz normal; os de formato de nuvem com rabicho em forma de nuvem, indicam que o personagem está pensando; os que possuem um traçado em zig-zag, indicam uma voz proveniente de um aparelho eletrônico quando o rabicho está fora do quadro, indicam que a voz está sendo emitida por alguém que está fora da cena e os com múltiplos rabichos indicam que há vários personagens falando ao mesmo tempo. Os tipos de balões podem mudar de acordo com a criatividade do autor. Nas tiras de Mafalda, por exemplo, pode-se encontrar o balão de choro, o balão de coração que representa alguém apaixonado e também aparece a fala que sai diretamente da boca da personagem sem nenhum balão. Como pode ser visto nos exemplos abaixo:



Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Como mostra Guyot (1994, p. 12),

O balão é de longe o elemento mais codificado da HQ. Os autores despejam nele um tesouro de inventividade, de modo que essa criação, puramente convencional, se integra até aos desenhos realistas. O código dos balões merece uma descrição em linhas gerais fora o conteúdo lingüístico, a forma dos balões na verdade é por si só uma mensagem icônica.

É importante notar que a localização dos balões dentro dos quadrinhos não é casual. Guyot mostra que há uma ordem que deve ser seguida: da esquerda para a direita, e de cima para baixo, de modo a revelar com clareza a sucessão cronológica das histórias. Essa ordem só é obedecida para os quadrinhos produzidos no ocidente, em que o sistema de leitura também segue essa mesma ordem. Os quadrinhos japoneses utilizam outra ordem que obedece ao sistema de decodificação de leitura oriental, por exemplo, os mangás, quadrinhos típicos japoneses, são lidos da direita para esquerda e de baixo para cima.

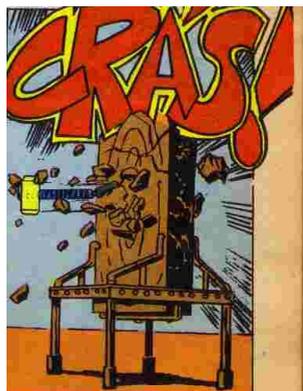
O autor alerta que ler quadrinhos não é simplesmente obedecer a essa ordem de leitura, imposta tanto pelos ocidentais quanto pelos orientais. Ele mostra que o leitor da história em quadrinhos é um *voyeur*, pois há leitores que lêem por alto, quando estão com pressa, há outros que observam mais as imagens e tentam fazer com que as imagens por si só digam o enredo, há ainda outros que dão pausas para refletirem, enfim, o leitor passeia pelo texto e o lê da forma que acha conveniente. Então, para o autor, não há um único modo de ler os quadrinhos, mas há tantos quanto os seus leitores.

Como se constata, os balões deixaram de ter apenas um tipo de letra e se modificaram para dar mais dinamicidade aos quadrinhos. Quando se referem a uma conversa em tom normal, as letras são grafadas em tamanho normal. Já em tamanho maior que o normal e em negrito significam que as palavras são pronunciadas em tom mais alto que o normal; podendo, também, representar o grito; as de tamanho menor que o normal representam um tom de voz mais baixo, expressando medo ou timidez; as tremidas significam medo.

Outro item das HQs são as onomatopéias, que são signos convencionais que representam ou imitam um som, podendo variar de país para país, dependendo de como as culturas as utilizam. Recentemente, as onomatopéias ganharam forma e tamanhos especiais

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

para dar mais dinamicidade ao desenho. Até pouco tempo, elas eram postas soltas, hoje elas estão ligadas ao desenho. É claro que, assim, como os balões, as onomatopéias vão variar de autor para autor. É interessante observar que, em alguns quadrinhos, certas imagens são engolidas pelas onomatopéias, devido ao tratamento gráfico dado a elas, fazendo com que fiquem em destaque. Os exemplos abaixo mostram essa diferença de como eram as onomatopéias antes e como estão agora:



As HQs também fazem uso de diversos símbolos que são as chamadas metáforas visuais, que expressam diversos significados como os xingamentos que se constituem de cobras, caveiras e bombas entre outras, como coração expressando que alguém está apaixonado, ou um raio saindo dos olhos da personagem que indica raiva.

Outra característica dos quadrinhos são as linhas de movimento que servem para marcar a trajetória de algum objeto ou parte do corpo, do ponto de início ao final do movimento. Pode-se dizer que essa característica dá a impressão de que o desenho ganhou vida e se movimenta, dando, assim, mais ação ao quadrinho. Esta representação do movimento se tornou um elemento indispensável das HQs. Por exemplo, uma espécie de serpentinas, eventualmente acompanhadas de pequenas nuvens demonstram o deslocamento ou a aceleração súbita. Como pode ser observado nas figuras a seguir:

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04



É pertinente esclarecer que as tiras são um subtipo das HQs; mais curtas (até 4 quadrinhos) e, portanto, de caráter sintético. Mendonça (2005) esclarece que as tiras podem ser seqüenciais, ou seja, podem seguir uma temática que se repete ao longo dos dias, ou podem ser fechadas, um episódio por dia, sem ser repetido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, então, que a leitura dos quadrinhos desencadeia um processo duplo: leitura de textos e de imagens em sua maioria. Além do que, o enredo é repleto de surpresas. De acordo com Fogaça (2002, p. 212), o argumento no decorrer da narrativa é completo, tem problemas a serem solucionados, e existem obstáculos à solução desses problemas e ao final a solução é uma surpresa.

A HQ tem a vantagem de poder, ao mesmo tempo, mostrar a cena e fazer as personagens falar, pronta a fazer com que o dito contrarie a imagem, trabalhando, assim, com o humor e também com a ironia. Assim, Melo (2003) expõe que uma das características marcantes dos quadrinhos é seu caráter lacunar, uma vez que, por trás do dito, há toda uma instância do dizer, a evidenciar que a significação da tira vai muito além da simples manifestação verbal.

Desse modo, uma das funções do leitor é o preenchimento do que não foi dito pela recuperação dos implícitos e pela percepção dos

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

efeitos de sentido desejados pelo autor. As inferências são processos mentais de decodificação, enriquecimento, reconhecimento, pressuposição, processamento, validação e conclusão de uma palavra e/ou enunciado, em um contexto. .Sempre podemos fazer muitas inferências a partir dos elementos de um texto, uma vez que os textos mostram uma quantidade mínima de coesão formal, abrindo muitas linhas de possíveis inferências. (Melo, 2003), o que normalmente requer que o leitor faça quantas inferências forem necessárias para obter a compreensão do texto.

O leitor é sempre responsável pela projeção do sentido que melhor lhe convier, a partir da posição política, social, econômica e pessoal que ocupe. Portanto, a interpretação das tiras depende também das inferências, ou seja, das conexões que as pessoas fazem, quando tentam estabelecer a compreensão do que lêem. Os textos dúbios, como são os textos de humor exigem que o leitor realize várias inferências para construir o sentido, e o resultado dessas inferências leva ao riso.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermentina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CIRNE, M. *Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. Trad. Luis Carlos Borges. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FEIJÓ, Mario. *Quadrinhos em ação: Um século de história*. São Paulo: Moderna, 1997.

FOGAÇA, Adriana Galvão. A contribuição das histórias em quadrinhos na formação de leitores competentes. In: SOUZA, Santinho de Souza. *Olhares e perguntas sobre ler e escrever*. Vitória: Florecultura, 2002.

FRANCO, Kátia Regina. *O editorial na situação de redação de vestibular*. Dissertação de mestrado. UFES: PPGEL. 2008.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

GUYOT, Didier Quella. *A história em quadrinhos: 50 palavras*. Trad. Maria Stela Gonçalves e Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 1994.

IANNONE, Leila R. & IANNONE, Roberto A. *O mundo das histórias em quadrinhos*. 5ª ed. São Paulo: Moderna, 1994.

MAINGUENEAU, Dominique, *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha, 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. **In:** DIONÍSIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

OLIVEIRA, Mônica Lopes Smiderle de. *A ironia como produção de humor e crítica social: uma análise pragmática das tiras de Mafalda*. Dissertação de mestrado. UFES: PPGEL, 2008.

RAMA, Ângela & VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

RODRIGUES, Rosangela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. **In:** MEURER, J. L.; BONINI, Adair; NOTTA-ROCH, Desirée (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. **In:** MEURER, J. L.; BONINI, Adair; NOTTA-ROCH, Desirée (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.